



Fundador: Padre Américo

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Director: Padre Júlio
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes

DA NOSSA VIDA

«É preciso pôr Deus no seu lugar»

INSPERADAMENTE caiu uma grande adversidade sobre populações inteiras do nosso país, sem atender ao nível pessoal e social do que encontrou pelo caminho. Apesar de ter sido prevista a sua vinda, falara-se em catástrofe, quem estava preparado para a receber? Impreparados, sim, por falta de experiência em casos semelhantes, foi tratada como se desconhecidos fossem os seus efeitos, apesar de tantos casos similares que já vimos, diversas vezes, longe de nós.

Muitas outras populações ficaram incólumes à passagem destes fenómenos naturais. A natureza não é racional, simplesmente combina os diversos factores presentes num determinado momento, produzindo os seus efeitos.

Estes fenómenos seguem o seu curso, mas a natureza, para além do homem que nela pode agir, tem um Criador, que o é de todas as coisas criadas. Não é só ao homem que a natureza está sujeita, na medida das suas capacidades, mas, como Jesus mostra no Evangelho, as forças da natureza estão-Lhe integralmente sujeitas, exemplarmente manifestadas no mar agitado e no vento forte que os seus discípulos, submetidos a elas, lhes fazem temer pelas suas vidas. Jesus, por tudo Lhe estar sujeito, aquietou o mar e acalma o vento. Estabelecida a bonança, os discípulos questionam-se: «Quem é este que até o vento e o mar Lhe obedecem?»

Há, pois, uma diferença fundamental entre o poder do homem e o poder de Deus.

O homem de hoje, em grande parte, não equaciona, nos seus raciocínios e certezas, a Deus como premissa, não Lhe aceitando interferência nas suas conclusões. É um grave erro. Como não considerar o autor de uma qualquer obra quando



nos confrontamos com ela? Quando se trata de questões naturais, a equação trata-se com dois membros: o homem e os fenómenos naturais. Mas se obra é inócua por si mesma, já se necessita de conhecer o autor da mesma, passando a equação a ter três membros: o homem, a obra e o seu autor. Estando perante a natureza, obra inigualável em beleza e agruras, porque pôr de lado a Deus, o seu autor?

Na passagem do Evangelho em que Jesus, confrontado pelos judeus, assegura que as vítimas de acção violenta, pelo facto de terem sofrido, não estão em pior condição que as que nada sofreram. Mas que, quer uns quer outros, se não se arrependem de viverem uma vida infrutífera, sofrerão todos da mesma maneira.

A arrogância do homem é coisa vã; a sua simplicidade abre lugar à presença de Deus.

Padre Júlio

MALANJE

O primeiro trimestre terminou em Dezembro e tivemos de esperar até meados de Janeiro para receber as notas dos gaiatos. Durante este mês aproveitámos para realizar uma entrevista individual com cada um deles, a fim de analisar como decorreu este início de ano lectivo. O sistema de avaliação em Angola tem as suas particularidades, e continuamos a constatar que tudo depende, em grande parte, do sucesso num exame. Ao observarmos os resultados — sobretudo daqueles que já frequentam o segundo ciclo do ensino secundário em escolas fora do Gaiato — apercebemo-nos da necessidade de garantir sempre bases sólidas.

Neste ano lectivo solicitámos à Ministra da Educação que o Complexo Escolar do Gaiato seja transformado numa Escola Politécnica. O processo foi aceite em Malanje e aguardamos agora resposta de Luanda. Se o projecto avançar, teremos o desafio de construir mais de dez salas de aula e vários laboratórios, assegurando que todos os alunos concluem a sua formação como técnicos médios. Trata-se de um sonho que partilhámos com todas as instituições e pessoas que nos possam apoiar neste projecto.

Continua na página 3

Continua na página 2

BENGUELA - VINDE VER!

Sal e Luz

NO Domingo, animados pelo coro dos mais pequeninos da nossa Casa, reunimo-nos à volta do Altar do Sacrifício para a celebração do amor de Deus pela humanidade através da acção Redentora de Cristo na Cruz. No Sermão da Montanha, Jesus fala por meio de metáforas para descrever a missão dos seus discípulos. É necessário levar a vida com o sentido positivo diante das circunstâncias do nosso tempo. As contrariedades, as angústias, as grandes aflições, sonhos e incertezas que às vezes pairam sobre os seguidores das boas obras iluminam o mundo e dão beleza e sabor à vida nesta breve história peregrinante. Ser Luz

para iluminar e sal para dar sentido à existência. À hora do Terço, sentados à mesa depois da oração, seguiu-se para o momento de balanço da semana para corrigir, reconhecer e melhorar os nossos passos ao longo da jornada diária. Pedimos aos mais crescidos e ajuizados para que o brilho das suas boas obras devam influenciar positivamente a comunidade inteira, com o bom exemplo dado aos mais novos. Elevando-se através dos valores cristãos de forte humanismo, éticos e morais, de gente que ouviu o Sermão da Montanha e guardou a mensagem do Mestre.

O processo educativo desenvolvido no ambiente característico da vida em comunidade que vivemos aqui em

Casa é reflexo da resposta positiva ao apelo do Divino Mestre que passou a vida fazendo o bem. Quem educa faz bem àquele que é educado e faz bem à comunidade onde este se encontra inserido. A bondade irradia muita luz e muita esperança. As boas obras são o caminho para a construção de um mundo novo. Mais humano e mais fraterno. A fraternidade dá sabor à vida em sociedade, tal como o sal para temperar e dar gosto apurado aos alimentos.

Os nossos dois rapazes que foram trabalhar numa oficina de mecânica, quando regressam ao fim da tarde, contam como são estimados pelo patrão pela postura correta de como encaram a responsabilidade e trabalhos que lhes são incumbidos. Às seis da manhã já se põem a caminho, apanham um táxi na

zona da piadeira e vão com coragem abrir caminhos novos. Caminhos de futuro. O «Zé Carlos» pediu uma bicicleta para chegar mais cedo e poder regressar a tempo do serviço e ter de assistir e participar das aulas no turno da noite no Instituto Politécnico da Graça. E quando o vejo rasgar o vento pela avenida das mangueiras, para sair ou ao regressar a Casa, costumamos dizer, ali vem um herói. Abriu uma conta no banco, recebe todos os meses e veio entregar o cartão multibanco para guarda no escritório. O rapaz tem consciência que não deve gastar por impulso consumista dos tempos modernos. Tenho o seu cartão bem guardado numa gaveta da mesinha do escritório. Quando chegar a hora, o entregarei para começar a sua

Pelas CASAS DO GAIATO

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

CALAMIDADES — Nas formas ao nosso alcance, estamos com todas as pessoas que, com as calamidades que tem havido, perderam entes queridos, habitações, o seu ganha-pão e tudo o mais que era e é importante para as suas vidas. Há perdas que é impossível reparar, mas há muitas outras que podem ser reparadas, com o contributo de todos, naquilo que cada um puder fazer para ajudar.

Como não poderia deixar de ser, as Conferências Vicentinas, a nível nacional, têm a funcionar formas de, todas as que puderem, ajudarem quem tem sido afectado por estas calamidades.

Quando há tragédias, sejam elas causadas principalmente pela Natureza, como é aqui o caso, sejam elas causadas pelos seres humanos, pode-nos vir à ideia a pergunta de saber por que é que há Mal neste mundo. Quando nos surge esta interrogação é bom lembrar o que Jesus disse numa das suas pregações a uma das multidões que o seguiu: «Escutai-Me e procurai compreender. Não há nada fora do homem que ao entrar nele o possa tornar impuro. O que sai do homem é que o torna impuro. Se alguém tem ouvidos para ouvir, oiça!» (Mc 7, 15-16).

Por isso, nestas e noutras situações onde há sofrimento, à calamidade que causou esse sofrimento, há uma outra que pode e deve ser evitada que é a da falta de ajuda a quem dela precisa e que está ao nosso alcance providenciar, por pouca que possa ser. Felizmente temos visto muitas pessoas a voluntariar-se para ajudar. No meio do mal que tem acontecido, isso é bom, mas vão ser precisos por muito tempo ainda esses e outros gestos continuados de boa vontade.

Que Deus ajude as pessoas que estão a sofrer e nos ajude a ajudá-las conforme pudermos!!

Américo Mendes

PAÇO DE SOUSA

TEMPESTADES — Este Inverno vai ficar para a história, de tão violento que tem sido. Por enquanto as nossas Casas, apesar de localizadas em pontos distantes umas das outras, no país, não têm sofrido estragos. Graças a Deus por isso. Muitas pessoas têm sofrido muito, com grandes prejuízos nas suas casas, ficando com a sua vida desestabilizada e muito precária. Em algumas situações, estaremos por perto certamente, com conhecimento de causa. Pedimos a Deus pelas necessidades de muitos.

LENHA — Graças à lenha que todos os anos vamos fazendo com árvores ou ramos que caem levadas pelo vento e pelos muitos anos que já têm, temos o aquecimento das casas com essa lenha, e que também é a fonte de calor que aquece as águas dos banhos. Estamos já a aguardar que chegue a primavera para darmos início à safra da lenha.

VACARIA E CAMPO — Com a saída do «Meno» pela idade e saúde, que aquela reduz, temos agora o Manuel com o cuidado de toda a actividade agrícola. Com este Inverno rigoroso os trabalhos são reduzidos, mas há-de chegar o tempo em que não terá mãos a medir. Desejamos que tenha energia para os trabalhos e que tudo lhe corra bem.

Repórter X

BEIRE — Flash's

A nossa 'Economia Tocária'.

Que me lembre, é já a 3ª vez que abordo aqui esta temática. Porque a Ciência cada vez nos **revela** mais coisas sobre este fenómeno humano: «Para viver minimamente equilibrada, qualquer pessoa precisa de, pelo menos, três horas dia de atenção (toque¹, *stroke*)». E mais: Se o não consegue obter pelo **circuito positivo**, irá procurá-lo pelo **circuito negativo**. E, assim, se explicam todas as nossas 'agressividades' e todas as 'guerras entre as nações'... Tudo sintomas de que a nossa **economia tocária** — fome de atenção / prestígio — está a ficar **careca** e já não aguenta que nos peçam mais **cheques** de uma resposta realista, adequada, nos conformes do aqui e agora...

Aqui no Calvário (e comunidas afins), isso faz parte do nosso

quotidiano. Diria que é **palpável**... Basta ter os olhos abertos e aprender a ver. As 'Ciências Sociais' ainda têm muito a **descobrir** nesta matéria. IPSS, núcleos da SS e ISS² não podem mais ficar-se por um **préconceito** de ciência, no que diz respeito às suas áreas específicas — a **Ação Social**. Porque tudo quanto diz respeito ao **cuidar** de uma comunidade (aglomerado social!) ou tem em conta a pessoa integral ou logo irá "**pecar**"³ por **omissão** — o ato destrutivo mais poderoso... Crime de lesa majestade em matéria social.

Para lá daquilo que abordei n'O Gaiato, de 26.07.25, em relação ao **Abraço da Paz**, nas nossas Eucaristias, ainda hoje a D. Deolinda no-lo **revel(a)**ou. Não por palavras, que não sabe dizer.

MIRANDA DO CORVO — COIMBRA

PALESTRAS SOBRE PAI AMÉRICO — O nosso Padre Manuel, na primeira semana de Fevereiro, foi convidado a falar sobre o nosso Pai Américo a alguns alunos de Educação Moral e Religiosa Católica, no Centro Educativo de Miranda do Corvo, e num Encontro pastoral, de formação para idosos e enfermos, da Unidade Pastoral de Góis e Poiães, no Seminário de Coimbra. É importante divulgar a vida, a Obra e a Causa de Beatificação do nosso Venerável Padre Américo, como figura cimeira da Igreja em Portugal no século XX.

ESCOLAS — Terminado o 1.º semestre de aulas no Agrupamento de Escolas de Miranda do Corvo, tivemos notícias dos resultados das avaliações do Rapazes estudantes, do 5.º ao 12.º ano. O panorama geral é positivo, embora haja alguns Rapazes que têm de se aplicar mais, por exemplo, na Língua Portuguesa e na Matemática. Nos âmbitos do curso profissional de Técnico de Desporto e do Desporto Escolar, os Rapazes da nossa Casa têm-se deslocado para várias actividades desportivas, com desempenho meritório.

LAR DO GAIATO DE COIMBRA — Na primeira quinzena de Fevereiro, foi possível arrumar e mobilar um quarto no 2.º piso do nosso edifício na Travessa Padre Américo, para acolher melhor um Rapaz timorense, que estava num quarto pequeno. Aos poucos, temos conseguido dinamizar este nosso Lar universitário, bem situado na cidade de Coimbra, no qual tantos Rapazes foram residindo e assim conseguiram avançar nos seus estudos, ao longo de muitos anos.

Mas, na sua **paralinguagem**⁴ e na sua linguagem corporal, aquilo era patente. Toda ela espirrava felicidade. Porque estava a ser alvo de uma 'distinção' que muito aprecia. No seu rosto e sua postura, quase se «via» o seu cérebro a comandar a produção das quatro **hormonas** ditas da **felicidade** — a oxitocina, a dopamina, a serotonina e a endorfina...

Foi assim: esperava pela Ambulância que a conduziria à Fisioterapia. Porque estava na hora de **Laudes**, juntámo-la ao grupo e, junto do Zezito que lhe chegava o texto, ela pôde rezar conosco.

Mas o que digo da Deolinda (que até lê bem) também o digo da Luisinha, do Zé ou do Paulo Sérgio, que nem ler sabem. Gostam desta distinção... Sentem uma proximidade ("um toque") **especial**...

1. **Toque** é a palavra portuguesa mais usada para traduzir o **stroke** americano,

RENOVAÇÕES DE RESIDÊNCIA — Continuamos muito preocupados com alguns indeferimentos pela AIMA [Agência para a Integração, Migrações e Asilo], incompreensíveis, de algumas renovações de autorizações de residência, de Rapazes menores da nossa Casa. Como exemplo, foi pedido um contrato de alojamento... Têm sido entregues os documentos exigidos nos atendimentos (presenciais) agendados. Com estes impasses, vão perdendo alguns direitos, pelo que esta Casa vai sendo obrigada a reclamar, através de um gabinete de advogados. Com viagens, para várias lojas AIMA em Portugal, e custos das papeladas, as despesas têm sido muitas. Como vivem em Portugal há vários anos, alguns Rapazes já teriam direito à nacionalidade portuguesa...

PARTILHAS E CONTACTOS — Dizemos aqui aos nossos leitores e amigos que seguiram os competentes recibos dos donativos

recebidos nos últimos tempos, na nossa Casa do Gaiato, e que são uma ajuda preciosa para pagar as facturas. Bem-hajam estimados benfeitores! Se for preciso, devem comunicar-nos o número de contribuinte. É necessário que as moradas estejam correctas, para não haver devoluções de cartas e do jornal *O Gaiato*. Entre outras visitas de amigos, referimos alguns grupos de Catequese: de adolescentes da Vila; e ainda de crianças dos Moinhos. Também veio ao nosso encontro, com as suas partilhas, o Grupo de Jovens GPS [Guiados pelo Senhor], de Góis e Poiães. Obrigado! Informamos que a nossa portaria, para atendimento, funciona actualmente no portão antigo, próximo do nosso cruzeiro, situado no largo (exterior) da nossa Capela. Morada e contactos: Obra da Rua ou Obra do Padre Américo — Casa do Gaiato, Largo de S. Brás, 15, 3220-034 Miranda do Corvo, telefone — 239 532 125; correio electrónico — gaiatomiranda@gmail.com

Rapazes de Miranda

MALANJE

Continuação da página 1

Continuamos a apoiar o Lar de Idosos da Maxinde, destinando uma pequena parte do que nos é enviado desde Portugal. A ONG *Mundo Orenda* também se comprometeu a apoiar este grupo de idosos, que de quinze em quinze dias aguardam a nossa visita com algum alimento. Normalmente realizamos uma compra no valor aproximado de 200 euros em cada visita. Não conseguimos responder a todas as necessidades, mas também não podemos virar o rosto quando a pobreza se apresenta diante de nós.

O Lar Daniel encontra-se já numa fase avançada de pré-projecto para ser apresentado ao Governo de Angola. Este lar pretende acolher, dentro do Gaiato, algumas crianças abandonadas ou provenientes de famílias em situação de grande carência, que apresentam algum tipo de deficiência. Mesmo antes da sua abertura, já temos sete crianças em lista de espera e, há poucos dias, falaram-nos de um bebé. Muitas pessoas, ao verem-nos, pensam que estamos loucos por nos envolvermos neste tipo de projecto, mas fechamos os olhos, olhamos para dentro de nós e encontramos o reflexo do olhar do Padre Américo, que sempre iniciou a Obra com a certeza de que vinha de Deus — e assim o acreditamos também nós.

Outro dia ouvi o comentário de que a Obra da Rua tem o seu futuro em África, mas pensei comigo mesmo que onde quer que exista um ser humano a sofrer, seja onde for, aí está a Obra como família, disposta a colocar todos os meios para que essa pessoa encontre nela um lar e um caminho para sair da pobreza. A Obra só terminará quando deixarmos de acreditar nela.

Padre Rafael

lá onde foi usado pela 1ª vez para significar «um **sinhal** dado por alguém a outrem (consciente e/ou inconscientemente) que o acolhe como testemunho de sua **aceitação** e/ou de sua **rejeição**». Todos temos basta experiência deste fenómeno humano — ainda que muito poucos tenham consciência disso.

2. IPSS = Instituição Particular de Solidariedade Social; SS = Segurança Social; ISS = Instituto da SS.

3. Gosto de ver o **pecado** na sua experiência vivenciada — um **fruto** / um **comporta-**

mento 'peco', que não chegou lá... Caiu pelo caminho e ficou-se no chão, a apodrecer...

4. Pouco observada e, por isso, muito pouco recolhida como fonte de preciosas informações, a paralinguagem é esse nosso **dizermo-nos uns aos outros** nisso que o povo traduz assim — *Vê-se pela aragem quem vai na carruagem; quem muito fala pouco acerta; oh, isso lê-se muito bem nas entrelinhas...*

Continua
Um admirador

[Escreve segundo o acordo ortográfico]

PÃO DE VIDA

Do Padre Augusto Nunes Pereira

NA sequência duma breve nota biográfica, damos notícia de algumas declarações inéditas do Padre Augusto Nunes Pereira sobre o seu condiscípulo Padre Américo, como testemunha para a *Causa de Canonização do Servo de Deus Américo Monteiro de Aguiar, sacerdote*, em 4 de Março de 1992, no Tribunal Eclesiástico de Coimbra.

No capítulo *O marco do sacerdócio*, disse o seguinte, que recolhemos: «Desde os primeiros tempos do Seminário, mostrou uma profunda piedade, especialmente quanto à Eucaristia.

Era não só exemplar no comportamento como ajudava os companheiros, nas suas dificuldades. Reunia-os e incitava-os para assumirem as responsabilidades pessoais e disciplinares. Foi um grande animador das colónias de férias, em Buarcos. Em pequena festa de homenagem, das que se faziam nas colónias, o Servo de Deus afirmou, quanto a alunos que andavam muito tempo sem comungar: ‘quanto a mim, o dia em que

eu não comungar, que os Anjos do Céu me levem para a comunhão eterna...’. Em certo ano, fomos passar alguns dias de férias na Serra da Estrela. O Servo de Deus estava presente, mas pôs como condição poderem comungar todos os dias.

[...] Ele foi ordenado sacerdote no mesmo dia que eu – 28 de Julho de mil novecentos e vinte e nove. [...] ele esteve presente na minha missa nova, na minha aldeia natal. Dele recebi uma carta nesta altura, em que ele me dizia: ‘Lembre-se de que nos ordenámos não para ganhar, mas perder a vida’. Depois de ordenado, o cuidado pelos doentes manifestou-se na doença e morte do P. César Roque, increspando-me e aos colegas: ‘então vocês deixam morrer o P. César?!...’. Este bom sacerdote era de Unhais-o-Velho [em Pampilhosa da Serra].

Depois, no capítulo *O evangelizador dos pobres*, declarou:

«[...] Recordo bem o seu espírito de oração. Quando che-

gava à igreja, a sua primeira preocupação era a oração ao SS. Sacramento. Teve muita influência na formação dos seminaristas. Quando o P. Matéo veio a Coimbra, o Servo de Deus relacionou-se imediatamente com ele e terá sido o elo de ligação entre o Seminário e o famoso pregador daquele tempo. Pedimos um autógrafo ao P. Matéo para o *Lume Novo* e foi o Servo de Deus quem disso se encarregou e, quando D. Manuel Gonçalves Cerejeira foi eleito Arcebispo de Miltilene, foi o Servo de Deus o promotor da homenagem que então foi feita ao mesmo Prelado eleito.

O Servo de Deus ficou sempre muito grato ao então Prelado de Coimbra, D. Manuel Luís Coelho da Silva, por tê-lo admitido no Seminário de Coimbra. Como não pôde realizar o seu ideal no franciscanismo, terá sido levado a pedir ao seu Bispo viver como religioso o seu sacerdócio diocesano.

[...] Como, quando se ordenou, só tinha o 3.º ano de Teologia, ficou como professor e

prefeito no Seminário de Coimbra. Continuei a ter contacto com ele, estando eu pároco de Montemor-o-Velho. O Servo de Deus foi lá pregar um dia e, ao ver a pobreza extrema da casa paroquial, interessou-se muito por mim, para mitigar esse ambiente de pobreza. A inclinação natural dele para o apostolado entre os pobres começou logo a manifestar-se e pediu ao Prelado para se dedicar ao apostolado entre eles que eram muito numerosos, nas zonas degradadas da cidade de Coimbra. [...].

Antes de avançarmos em mais recortes das declarações do Padre Nunes Pereira para a Causa de Beatificação, é de aditar outros testemunhos seus, recolhidos após a morte do seu condiscípulo Padre Américo, em que deu mais notícias desse tempo de seminarista em Coimbra, complementando as informações supra.

O Padre Euclides de Oliveira Morais – de Travassô [em Águeda], que foi admitido no Seminário de Coimbra em 1912-1913 – entre outras lembranças, referiu uma leitura significativa: o Padre Augusto Nunes Pereira recordou-lhe que «o Américo leu e meditou profundamente *S. Vicente de*

Paulo». [O Gaiato, N.º 388, 24 Janeiro 1959, p. 1]. Seria uma biografia deste grande santo da sua devoção, intitulada: *Vida popular de S. Vicente de Paulo*, do Padre Berbiguier, traduzida por M. Fonseca [Porto: Ed. José Frutuoso da Fonseca, 1889; reeditada em 1925].

Corroborando o que foi sublinhado acima, o amor de Américo Monteiro de Aguiar à Eucaristia era tal que – segundo diz o Padre Nunes Pereira – «não se conformava com o regulamento de Sexta-feira Santa proibindo a Sagrada Comunhão. Duma vez insistiu tanto que lha ministraram naquele dia» [O Gaiato, N.º 390, N.º 21 Fevereiro 1959, p.1]. De facto, nesta prescrição litúrgica, foi um precursor. Em Sexta-Feira Santa nunca houve Eucaristia. No século XII, foi estabelecido que, além do sacerdote, ninguém comungasse. Em 1955, o Papa Pio XII, restabeleceu a comunhão do povo.

Das recordações do Padre Nunes Pereira sobre Padre Américo, serão dadas mais notícias que permitem traçar um esboço de algumas características do seu condiscípulo no Seminário de Coimbra e como recoveiro dos Pobres.

Padre Manuel Mendes

BENGUELA – VINDE VER!

Continuação da página 1

vida autónoma. É luz a brilhar! É louvor dado ao Criador. É acção de graças ao nosso bom Deus.

O «Zé Carlos» está no bom caminho. Aos sábados frequenta a comunidade do Caminho Neocatecumenal. O Caminho Neocatecumenal é um itinerário de formação cristã pós-baptismal para adultos, criado em 1964 por Kiko Argüello e Carmen Hernández, na Espanha. Reconhecido pela Igreja Católica, visa redescobrir o baptismo e fortalecer a fé em pequenas comunidades paroquiais, baseando-se no “tripé”: Palavra de Deus, Liturgia e Comunidade. Fazendo valer a proposta do Sermão da Montanha, dando sabor à vida de milhares de jovens e brilhar a luz ao longo do caminho a ser percorrido. A conclusão é de Pai Américo “a ordem das obras de Misericórdia começa pelo dar de comer a quem tem fome; e, quando na hora derradeira, o Justo Juiz vier «em glória e em majestade» dar a cada um aquilo que lhe pertence, nessa hora, digo, o castigo ou a recompensa há-de girar à volta do dar de comer”.

Padre Quim

NIB's DAS CASAS DA OBRA DA RUA

Casa do Gaiato de Paço de Sousa: 0045 1342 4003 5524 3039 8

Calvário: 0018 0000 0620 9336 0013 3

Casa do Gaiato de Miranda do Corvo: 0035 0468 0000 5577 3301 8

Casa do Gaiato de Setúbal: 0010 0000 0154 4210 0018 7

Património dos Pobres: 0045 3440 4021 8356 4277 8

Conferência de Paço de Sousa: 0035 2146 0000 1508 9304 9

Conferência do Lar do Porto: 0010 0000 0309 5700 0010 9

Casa do Gaiato de Malanje: 0010 0000 0158 2730 0016 7

Casa do Gaiato de Benguela: 0035 0402 0001 3023 2327 4

Reflexão de um Gaiato

Continuação do número anterior

Na Casa do Gaiato, sempre existiu um princípio que não caberia nos manuais da Rede Institucional: “A **Obra é uma casa com a porta aberta, entra e sai quem quer.**” Pode parecer arriscado à luz das regras modernas, mas era, na verdade, uma lição profunda sobre liberdade, consequência e arrependimento. Era comum haver rapazes que, em momentos de revolta ou impulsividade, decidiam fugir. E o mais incrível é que muitos voltavam - não pela força, mas pelo reconhecimento íntimo do erro. Voltavam porque sabiam que, apesar da fuga, a Casa continuava ali, de portas abertas, com lugar para o seu arrependimento e recomeço.

Essa experiência — fugir, cair, arrepender-se e regressar — era parte essencial da formação. Porque, como dizia o velho provérbio latino, “**errare humanum est**”. E é no erro que se forma o carácter. Ao contrário da lógica institucional, que tudo quer controlar, fechar e prevenir, a pedagogia da Obra deixava margem para o erro vivido, não como castigo, mas como caminho. Porque só quem é livre de sair pode, de facto, escolher ficar.

Se esta tendência continuar, sem que ninguém diga nada, podemos acabar a transformar rapazes activos, responsáveis e

com papel educativo em “menores institucionalizados”. Cheios de diagnósticos, planos de intervenção, técnicos de referência, relatórios e fichas. Tudo muito correcto... mas frio.

A pedagogia de Padre Américo não vive em papéis. Vive-se na pele. Precisa de corpo, de tempo, de erros e de fé. Precisa de acreditar que um rapaz pode cuidar de outro. Que pode ser líder, exemplo e educador do seu irmão de caminhada. Precisa de confiar nas pessoas — não só nos técnicos.

Paulo Freire dizia que “**não se pode ensinar aquilo que não se vive**”, e talvez seja esse o ponto mais sensível: educar não é apenas fazer por, é criar espaço para fazer com, e depois deixar fazer — mesmo que isso implique errar. Porque, como já ensinava a velha máxima latina: “**errare**

humanum est” é nesse erro que o jovem aprende a levantar-se, a ajustar-se e a tentar de novo. Rousseau também acreditava que a criança devia ser “**livre para experimentar, sofrer e saborear as consequências das suas escolhas.**”

Mesmo sem assumir nenhuma Casa, a influência da Segurança Social já mudou muita coisa. E o perigo não é de uma invasão repentina, mas de uma erosão lenta. A estrutura fica, o espírito vai-se. E quando isso acontece, a Obra já não é a mesma.

A Obra do Padre Américo não precisa de heróis, nem de mártires. Precisa é que os que ainda nela vivem — ou que por ela passaram — se levantem e digam com humildade: **isto é diferente, e precisa continuar a ser assim.**

Porque se tudo for igual, ninguém cresce. E se ninguém cresce, até a própria Segurança Social fica mais pobre.

«Dimas»



Proprietário e Editor: Obra da Rua ou Obra do Padre Américo
N.I.P.C. (NIF) 500 788 898 • N.º de Registo 100398 • Tiragem: 7700

Director: Padre Júlio • Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes (C. P.: TE-555)
Redacção e Administração: Largo da Casa do Gaiato, 94 • 4560-378 Paço de Sousa
Impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato • 4560-378 Paço de Sousa

Tel.: 255 752 285 (Chamada para a rede fixa nacional)
geral@obradarua.pt • jornal.o.gaiato@obradarua.pt
www.obradarua.pt • www.obradarua.pt/estatuto-editorial/ • facebook.com/Casa.do.Gaiato

Crédito Agrícola: IBAN: PT50 0045 1342 40035524303 98

NIB: 0045 1342 40035524303 98 • BIC/SWIFT: CCCMPTPL

Caixa Geral de Depósitos: IBAN: PT50 0035 0597 0002 9078 0304 5

NIB: 0035 0597 0002 9078 0304 5 • BIC/SWIFT: CGDIPTPL

Há 70 anos — Pai Américo — partiu para o Céu

Na última viagem

Lê-se mas não se acredita: morreu o Padre Américo! Habitados como todos estávamos a vê-lo sorridente, dinâmico, impaciente, encontramos-lo agora imóvel e frio. Continua, porém, sorridente no leito de morte.

Milhares e milhares de pessoas de todas as categorias sociais foram vê-lo pela última vez. Descalço e vestido com a sua habitual batina de Padre! Descalço, como os Pobres e garotos da rua, pelos quais gastou a sua vida. Sem os paramentos sacerdotais. De batina, apenas por humildade. O Américo daquele tempo... sacerdote! Este pensamento traduzia-o ele, sempre propondo ao seu nome um ponto de admiração: «Padre Américo!» A sua alma contemplativa permanecia, mergulhada em Deus, admirada e agradecida. E, ao mesmo tempo, sabia o peso que o sobrecarregava. Por humildade somente uma batina. «É um pobre que morre. Dê-se-lhe tudo e unicamente o que é costume dar-se aos pobres que morrem nas cidades e aldeias». Assim ordenou. Se em vida fugiu das homenagens à sua pessoa — ainda na véspera do desastre, sabendo duma que lhe estava preparada na Marinha Grande não apareceu! — agora inanimado, não pode furtar-se à maior apoteose que em vida jamais sonhara. Uma mole enorme de gente de todas as idades, sexos e condições sociais comprimia-se à sua volta, para o ver, pela derradeira vez e oscular-lhe as mãos, e pranteava-o, ao longo das ruas, por onde passava o préstimo fúnebre. Sentíamos-nos todos, não só os seus Padres, como os Gaiatos e ainda o público,

órfãos. Todos tínhamos recebido dele alguma coisa. Uma esmola. Uma palavra. Um sorriso. Tinha enxugado as lágrimas a muitos. Metia-se nas casas dos pobres e provava-lhes o caldo para analisar e sentir a sua pobreza. Matou a muitos a fome. Muitos, por meio dele, encontraram a razão de ser da sua existência, a paz da consciência, o caminho do Céu. A sua palavra ardente e o seu coração cheio do amor de Deus não conheceram tréguas, nem subornos, nem defecções na defesa dos direitos sagrados dos humildes e fracos. Por isso, foram estes os que mais sentiram a sua perda.

Custa a acreditar que o Pai Américo nos foi arrebatado e ficamos todos na orfandade. Mas não. Agora, mais que nunca é pai. Pelos Pobres, fracos e órfãos, não subiu tanta vez as escadarias dos ricos e poderosos deste mundo? Pois bem, subiu, agora, também ao trono de Deus, como confiadamente esperamos na sua Misericórdia infinita, para aí ficar como nosso Advogado e Protector. Mais que nunca não nos abandonará.

Na terra, ficou a Obra da Rua, a sua Obra querida, de protecção, socorro e evangelização dos Pobres, especialmente os rapazes da rua. É a continuação da sua personalidade. Por meio dela, ficará entre nós. O Pai Américo não morreu. Amá-lo-emos mais entranhadamente na sua querida Obra.

Padre Aires

«O Gaiato». 18 de Agosto de 1956. *Na última viagem*. Ano XIII, N.º 325, pp. 3-4.

OS NOSSOS LIVROS

«Padre Américo Monteiro Aguiar foi o homem do Evangelho aplicado na vida quotidiana. Efectivamente, toda a sua doutrina e orientação pastoral e caritativa estão subordinadas a um Evangelho, que busca as suas raízes mais autênticas na mensagem genuína de Jesus Cristo.

Quem o conheceu ou quem leu os seus escritos não pode ficar indiferente a tão grande obra dedicada aos mais pobres dos pobres e, entre eles, à criança abandonada da rua que vive à míngua em locais indignos de um ser humano.

Padre Américo, embora sendo padre diocesano de Coimbra acabou por estender a sua acção a todo o país e ao ultramar, onde a *Obra da Rua*, que, tendo começado como uma pequena semente lançada à terra, rapidamente estendeu as suas raízes. E falamos deste modo, porque, de facto, as raízes desta obra estão no Evangelho e no ser humano. À medida que desenvolve a sua acção pastoral surgem novos ramos desta, que é, já hoje, uma árvore frondosa à sombra da qual muita gente se abriga.

Com efeito, ninguém diria que aquelas visitas em Coimbra aos hospitais e cadeias se desenvolvessem na *Sopa dos Pobres* e depois nas *colónias de campo* surgindo a primeira *Casa do Gaiato*, de Miranda do Corvo, fundada em 7 de Janeiro de 1940, para crianças abandonadas e sem família, seguindo-se o *lar do ex-pupilo dos reformatórios*, em Coimbra, culminando depois com o primeiro *lar do gaiato*, no Porto e assim por aí adiante.

Padre Américo foi um apóstolo da dignidade humana e da justiça social orientando toda a sua defesa destas duas verdades fundamentais com a lei fundamental do Evangelho e dos mandamentos, como *lei eterna* como ele faz questão de repetir nas suas obras.



Verdadeiramente a dignidade humana, apesar de proclamada aos quatro cantos do mundo, nunca foi verdadeiramente reconhecida. Por determinação do 2.º congresso continental de 4 de Julho de 1776, que foi assinada pelos treze Estados Unidos da América, a declaração unânime da independência que é, por assim dizer, o ponto de partida do reconhecimento dos direitos humanos nas sociedades contemporâneas.» — Da *Introdução*, pp. XIX-XX.

Os pedidos podem ser feitos à Casa do Gaiato de Paço de Sousa, através do telefone 255752285; por e-mail: geral@obradarua.pt; por carta Largo da Casa do Gaiato, 94 - 4560-378 Paço de Sousa; ou no site: www.obradarua.pt

POBRES

FREQUENTEMENTE vem pedir mercearia, que nunca deixa de levar, transportada por uma vizinha. São vidas extremamente Pobres, habitando um lugar a que não se pode chamar casa.

Há tempos pedi a um empreiteiro para lá irmos ver o que se poderia fazer para que tenham um lugar de habitação. Fomos lá, apontou-se o que seria de fazer, mas nunca mais houve disponibilidade para começar a obra.

Logo que o tempo melhora e não haja precipitação que impeça o trabalho, tenho já combinado ir lá com outro empreiteiro. Certamente que vamos poder melhorar as suas condições de vida.

Entretanto o chefe da casa pediu alguns materiais para atenuar a entrada de água no interior, visto que com este tempo que tem estado, a água da chuva escorre pelas paredes. Será difícil fazer algo com consistência, mas vai procurar resolver alguma coisa.

É inteiramente compreensível que, nestas condições de habitação, as pessoas possam enveredar por caminhos que as prejudicam ainda mais, caminhos de difícil retorno. Façamos o que pudermos e a natureza deixe, com a ajuda de Deus.

Padre Júlio

VOZ A PAI AMÉRICO

Eu acho que a coisa mais adorável em uma Casa desta ordem (eu ia dizer *desordem*) é ouvir a cada momento, de todos os lados, o apelo da criança: Senhor fulano! Vem dos campos. Vem dos recreios. Vem das oficinas. É a voz da fraqueza a chamar pelo poder. É só para isto que serve o Poder. É só nestes casos que ele é verdadeiramente o *Poder*. Muitos poderosos se têm enganado e enganam por não escutarem a tempo a fraqueza que por eles chama. Trabalham em vão! Trabalharam em vão!

Gosto que estes pequeninos chamem por mim. Pequeninos para quem tudo e todos têm sido madrasta, não perderam o desejo de serem atendidos. Querem mimo. Querem ser amados. «Dê-me pão!» E eu dou-lhes pão. Do pão que tu me dás.»

Duarte, M. P. M. P. 1967. «Somos a Porta Aberta» — *Pedagogia do Padre Américo: MÉTODOS E VIDA*. 2.ª ed., p. 103.

Pai Américo. «O Gaiato». 14-12-1946. Isto é a Casa do Gaiato. Ano III, N.º 73, p. 4.

SINAIS

DIÁ de injeção no olho esquerdo... Rebelde, não queria mesmo ir.

A Teresa foi, por mando do P.e Alfredo, acompanhar-me. Com o seu jeito, conseguiu que eu fosse o primeiro e tratado com toda a atenção.

Perdão, meu Jesus...

Dia de chuva...

O sr. Pacheco — como sempre — acompanhou-me. Obrigado, Jesus.

Chuva - chuva...

Saudade e desejo de um céu azul e sol brilhante...

Saudade dos cordeirinhos, a brincar num campo de trigo, já só restolho. Em dia de sol...

É mesmo dia de inverno, com céu escuro e chuva miudinha.

Onde estão os cordeirinhos?!...

Tão lindos! Aos pulos...

Os dias passam como brasas que queimam nas mãos e atiram fora...

Ontem, fomos a Bragança, assistir à homenagem ao Dr. Avelino. Recordei... É bom recordar — é como viver de novo...

Encontrei tantos conhecidos das minhas primeiras paróquias — Picote e Barragens! Recordar é viver... Picote e Barragens — dois mundos onde vivi... Foi bom...

Padre Telmo